

APONTAMENTOS SOBRE AS FORMAS DE VIDA E SOCIABILIDADE NO BALNEÁRIO CASSINO

MÔNICA RENATA SCHMIDT PEGORARO; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH²

¹Universidade Federal de Pelotas – monicarenata@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – rieth.flaviamaria@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a pesquisa, Formas de Vida e Sociabilidade no Balneário Cassino, sul do estado gaúcho, que vem sendo desenvolvida junto ao mestrado em Antropologia, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. O estudo enfoca as diferentes centralidades e os múltiplos ordenamentos da dinâmica cultural que ocorre a partir da ou na Avenida Rio Grande, principal rua do bairro-balneário Cassino, localizado na cidade de Rio Grande/RS. Os objetivos consistem em identificar e analisar as redes de sociabilidade e interações sociais que se tecem na ou a partir da Avenida Rio Grande. Entre os temas abordados, busca-se; diferenciar os moradores, os usuários cotidianos (estudantes, trabalhadores de empresas, proprietários e empregados) e os transeuntes casuais (turistas ou moradores de outras partes da cidade do Rio Grande); identificar pontos de encontro, referências espaciais, vínculos sociais; compreender os significados produzidos pela experiência de morar no balneário e a relação com as águas a partir do ponto de vista dos moradores e entender as relações que estes estabelecem com a cidade e com os outros.

O cenário da avenida é percorrido por atores de diversas procedências. Nesse sentido, determinados espaços, usados como áreas de encontro e lazer, são compreendidos como portadores de símbolos que remetem a estilos de vida que são comuns aos diferentes grupos de moradores e frequentadores que neles se reconhecem. Nessa perspectiva, busca-se compreender como se estabelecem, nesse local, as redes de sociabilidade, que apesar da existência de áreas marcadamente residenciais, podem ou não ser marcadas por relações de vizinhança ou por práticas cotidianas compartilhadas. Contudo, é possível que tais atores se reconheçam enquanto “portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes” (MAGNANI, 2002, p. 22).

No que se refere ao referencial teórico adotado para esse estudo, cumpre destacar a proposição teórica de Max Gluckman, centrada na análise de situações sociais as quais, constituem “grande parte da “matéria-prima do antropólogo, pois são os eventos que observa. A partir das situações sociais e de suas inter-relações numa sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições, etc” (GLUCKMAN, 1987, p. 228) da sociedade estudada. Outrossim, serão incorporadas ao estudo as proposições teórico-metodológicas, da chamada Escola de Chicago - com destaque para as noções teóricas de Robert Park - pioneira “na prática etnográfica voltada ao contexto urbano” (FRÚGOLI, 2007, p. 17). Na opinião de Park “a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição”. Está “envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da

natureza humana” (PARK, 1967, p. 25). O ponto de vista de Park é relevante para refletir sobre cidade e investigar o comportamento humano no meio urbano. Trata-se, portanto, de uma pesquisa antropológica em contexto urbano que visa contribuir com os estudos voltados para a dinâmica urbana contemporânea os quais concentram-se em linhas de pesquisa conhecidas como antropologia das sociedades complexas e antropologia urbana e, no caso desse estudo, com interface na antropologia e imagem.

2. METODOLOGIA

A metodologia consiste no método etnográfico partindo do pressuposto de que tanto o pesquisador quanto o nativo participam do mesmo plano antropológico. Dessa forma, o arranjo suscitado pela pesquisa etnográfica será marcado pela complexificação das interpretações a partir do “concreto vivido” pelo pesquisador e o nativo (MAGNANI, 2002). Nesse sentido, destaca-se o diálogo com a proposição de Magnani (2002, p. 17) acerca do que denomina “olhar de perto e de dentro”, uma perspectiva etnográfica capaz de “identificar”, “descrever” e “refletir” sobre “aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números” (MAGNANI, 2002, p. 15).

Inicialmente, o estudo compreendeu uma revisão bibliográfica acerca do balneário Cassino e sobre as formas de vida social em contextos de balneário. Outrossim, está sendo arrolada e analisada uma extensa documentação fotográfica de caráter histórico, associada à produção de pesquisa etnográfica, com produção de imagens recentes do balneário, seguida da realização de conversas abertas e de entrevistas com moradores do balneário. Busca-se explorar esses materiais a partir da perspectiva da etnografia da duração voltada para uma antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas (ECKERT; ROCHA, 2013). Trata-se, portanto, de dar relevância à interpretação “dos fenômenos culturais a partir do estudo da memória coletiva, das lembranças e reminiscências históricas dos seus habitantes e do arranjo especial das formas de vida social apresentadas por eles em seu cotidiano ao longo do tempo” (ECKERT; ROCHA, 2003, p. 57).

A fase inicial do trabalho de campo é balisada pelo método da “observação flutuante” de Colette Petonet, o qual sugere que o pesquisador deve permanecer vago, disponível em toda a circunstância e não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas deixar “flutuar de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem *a priori*, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes” (PETONET, 2008, p. 102). A ideia de “deslocamentos” sugerida por Eckert e Rocha (2019), será importante na continuidade do campo, durante a participação observante, haja vista que auxilia no processo de apreensão da dinâmica da vida cidadina, o qual deve pautar-se “pela frequência sistemática do etnógrafo em uma rua ou avenida”. Dessa forma, “a etnografia ‘na’ rua consiste no desenvolvimento da observação sistemática em uma rua e/ou em ruas de um bairro e na descrição etnográfica dos cenários, dos personagens que conformam a rotina da rua” (ECKERT; ROCHA, 2019, p. 12). Além disso, é possível averiguar a ocorrência de imprevistos, situações de constrangimento, tensão e conflito e realizar entrevistas com *habitués* e moradores, buscando as significações sobre o viver no balneário. O exercício de etnografia de rua também será mediado pelo uso de recursos audiovisuais como a câmera fotográfica e/ou a câmera de vídeo, conforme as proposições de Eckert e Rocha (2003; 2019). De acordo com as autoras, a técnica de etnografia de rua

consiste na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas, no caso desse estudo, com destino fixo, ou seja, ao longo da avenida.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento, continua o trabalho de revisão bibliográfica acerca da literatura que versa sobre o balneário Cassino e outros. Continua sendo realizado um levantamento exaustivo relativo a imagens antigas que retratam o balneário no passado, também segue o trabalho de campo mediante o emprego da metodologia da observação flutuante. A partir das primeiras incursões etnográficas, de caráter exploratório, na avenida Rio Grande, principal via do balneário, constatou-se à presença de pessoas em situação de rua e ou pedintes. Alguns deles, estavam no semáforo, outros na frente dos mercados, pedindo dinheiro ou alimentos. Alguns frequentadores desses estabelecimentos relataram que sentem-se pressionados por tais pessoas, visto que costumam fazer cara feia ou xingar quando não recebem algo. Um outro grupo de moradores de rua se reúne em uma área coberta, em frente ao supermercado Guanabara, onde funcionava a antiga rodoviária, para pedir, beber, cantar e dormir. Os integrantes desse grupo costumam pedir dinheiro para as pessoas que estacionam no entorno e também para aquelas que passam. Os mais solitários costumam aparecer nas portas dos restaurantes e bares reclamando aos frequentadores um prato de comida, lanche ou um “corote”. Estes moradores, muitas vezes, abrigam-se em áreas cobertas dos quintais das casas de proprietários que só aparecem no verão. Outros, vivem na avenida em barracas ou sob as marquises de prédios fechados, tal como, a marquise da antiga estação ferroviária, um antigo ponto turístico na entrada do balneário. Geralmente, essas pessoas mudam com frequência de seus “abrigos”, a mudança constitui uma tática de sobrevivência permitindo evitar a repressão buscando os recursos necessários a vida. Nesse sentido, entre outros objetivos, já mencionados anteriormente, busca-se compreender a relação desses moradores de rua com os demais residentes e vice-versa e entender as pressões que os levaram a morar na rua. Nos dias atuais, a esmola parece estar mais relacionada com a ideia da reciprocidade negativa (MAUSS, 1974), do que com a doutrina da caridade cristã, obrigando os doadores por diversos motivos: pelo medo da violência, para evitar represálias, avarias no carro ou mesmo para furtar-se de um contato mais prolongado com essas pessoas, mesmo que isso gere algum gasto. Ademais, a ajuda e o desenvolvimento de projetos de moradia\renda para os pobres que moram nas ruas é motivo de fervorosas discussões no cenário político brasileiro.

4. CONCLUSÕES

A investigação, ainda em andamento, tem demonstrado que o referencial teórico da pesquisa é “redefinido após a pesquisa de campo, quando cessa a interação com os sujeitos da pesquisa”. Da mesma forma o objeto de estudo, é difícil defini-lo com clareza “no momento da interação com os sujeitos da pesquisa” (OLIVEIRA, 2004, p. 34) uma vez que tal definição é negociada nos planos da interação com os atores e da construção do problema de pesquisa. Isso pode gerar algum incômodo, contudo, percorrendo as palavras de um filósofo: “Se, ao começar a escrever um livro [ou uma dissertação ou tese], você soubesse o que irá dizer no final, acredita que teria coragem de escrevê-lo?” (FOUCAULT, 2010, p. 67)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECKERT, C.; ROCHA, A. Luiza C. da. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 2003.

ECKERT, C. ROCHA, A. L. C. da. A cidade como objeto temporal. In: ECKERT, C. ROCHA, A. L. C. da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, Cap. 4, p. 48-59.

ECKERT, C. ROCHA, A. L. C. da. **Etnografia da duração**: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.

ECKERT, C. ROCHA, A. L. C. da. Etnografia na rua e câmera na mão. **Studium**, Campinas, SP, n. 8, p. 11-22, 2019.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

FRÚGOLI JR, H. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GLUCKMAN, M. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, B. (org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987, p. 227-344.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974, p. 39-184.

OLIVEIRA, L. R. C. de. Pesquisa *em versus* Pesquisas *com* seres humanos. In: CERES, V.; OLIVEN, R. G.; MACIEL, M. E.; ORO, A. P. (Orgs.). **Antropologia e Ética**: o debate atual no Brasil. Niterói: EdUFF, 2004, Cap. 2, p. 33-44.

PARK, R. E. A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, G. (Org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, Cap. 2, p. 26-67.

PÉTONNET, C. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**. Niterói, n. 25, p. 99-111, 2008.